S. PAULO (Brazil) Sabbado, 16 de março de 1912 ANNO XI — NUMERO 130

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

EM BELLO HORIZONTE

Monsenhor devasso

Duas victimas — Louca? — Inercia da policia — Justiça de funil — Imprensa muda — Impunidade certa.

Em o nosso numero 128 accusamos o recebimento de uma carta com a qual o seu desconhecido remettente nos fornecia algumas informações sobre um grande escandalo clerical de que tinha sido theatro a capital mineira.

Como os clericaes, desesperados com a repercussão da nossa campanha, procuram por todos os meios ver se conseguem fazer-nos cair em alguma armadilha para depois poderem berrar aos quatro ventos que as nossas accusações são falsas e calumniosas; como a cáfila negra, em desespero de causa, esforça-se para destruir a força moral em que se alicerça a nossa luta, é natural, é imprescindivel que nos armemos de todas as cautelas, averiguando cuidadosamente do fundamento das constantes denuncias que recebemos sobre os escandalos de que está cheia a vida devassa da clericanalha.

Infelizmente algumas dessas denuncias não são acompanhadas dos nomes das pessoas que as fazem e, como nem de todas podemos nos certificar da sua veracidade, ficam ellas aqui archivadas até que possam ser comprovadas.

Sabemos perfeitamente haver por ahi muita gente que, por suas condições de dependencia immediata a este ou aquelle elemento conservador, não tem ainda a necessaria independencia para apparecer em publico a accusar os crimes da canalha de cotação social, como tambem estamos convencidos existirem outros que não o fazem por uma covardia sem nome.

Tudo isso é certo, mas nós é que não nos podemos fazer éco de accusações das quaes não obtemos provas irrefutaveis.

E' preciso não nos esquecermos que uma denuncia falsa poderá servir de esteio á serafica gente.

E é por essa razão que só neste numero nos resolvemos occupar do grande escandalo clerical recentemente verificado em Bello Horizonte e do qual ha quasi um mez recebemos as primeiras noticias.

Não queriamos falar vagamente e por isso tratamos de pedir informações aos nossos amigos daquella capital, informações que já nos começam a ser fornecidas.

Esperando que os nossos amigos de Bello Horizonte continuem a nos informar sobre mais este crime dos clericaes, passamos a dar inserção á primeira carta por nós recebida.

A denuncia

«Bello Horizonte, 7 de fevereiro de 1912.

Prezado Carlitos:

Muita saúde a ti e a todos; por aqui não ha novidades e todos gozam saúde. Recebi hoje a mala que tivestes a fineza de me despachar, o que muito agradeço o trabalho que tomaste.

Papai tambem recebeu o teu bilhete e breve responderá.

A unica novidade mais palpitante na presente actualidade é que o padre João Martinho de Almeida, *distinctissimo* vigario da freguezia da Boa Viagem, desta capital, celeberrimo *pastor* da sociedade anti-pornographica, acaba de ser pai mais uma vez, pois ha dias uma de suas ovelhinhas deu á luz mais um padrezinho, e ipso-facto foi descoberto o crime em que verificaram ter sido victimas duas irmãs, filhas de um engenheiro civil do Estado de Minas. Foi um escandalo horroroso e a sociedade mineira acha-se ainda sob a profunda impressão de mais esta façanha, ou victoria, de um representante da clericanalha. Ah! Safardanas!!! Canalhas!

O meu consolo é que o *Malho* será sabedor de tudo e se incumbirá de dar publicidade.

Abraços a todos e a ti especialmente.»

Como os nossos leitores vêem, a carta acima foi dirigida por uma pessoa residente em Bello Horizonte a um seu parente moradora desta capital que, por sua vez, tendo o cuidado de cortar a parte em que vinha a assignatura, fê-la chegar ás nossas mãos.

Além dessa informação recebemos mais as seguintes notas de um nosso collaborador que se abriga sob o pseudonymo de *Um servo de Loyola*.

Passamos a inserir essa carta, que contém

Informações valiosas

O caso de que nos vamos occupar é um desses que se repetem diariamente, e que só o indifferentismo ou o partidarismo da imprensa de negocios deixa ás escondidas.

Ha dias correu célere por toda a cidade a noticia de um grande escandalo, em que figuravam como principaes personagens duas jovens de illustrada e respeitavel familia e o celebre monsenhor João Martinho.

Uma das moças, em termos mais que livres e em plena plataforma da estação da Central do Brasil, annunciava a sua desgraça e a de sua irmã mais moça, dizendo que ambas haviam sido victimas do monsenhor João Martinho, que as teria deflorado, empregando as camisas do padre Perlatti!

A linguagem empregada pela desventurada moça não deixa a menor duvida sobre o seu estado, pois não é crivel que uma donzella possa conhecer a variedade de termos obcenos por ella empregados.

Dirigiu-se essa mesma moça á chefia de policia pedindo exame e inquerito sobre o caso, o que lhe foi recusado sob o pretexto de que a infeliz achava-se louca!

Não obstante, foi-lhe fornecido pela policia passe livre em 1.ª classe para o Rio de Janeiro!

Tratar-se-á de facto de uma louca?

Neste caso, porque não procedeu a policia como de seu dever, submettendo-a a um exame medico e mandando-a internar em um manicomio?

Porque, em vez disso, foi-lhe fornecido passe livre, com requesição da policia?

Porque calou-se toda a imprensa da capital?

O monsenhor João Martinho é bastante conhecido no scenario da devassidão, e por isto ficamos dispensados de mais commentarios...

Com o que absolutamente não concordamos é com a inercia da policia, pois estamos convencidos de que se não se tratasse de um potentado, não teria a infeliz jovem sido taxada de louca, e rigoroso inquerito teria logo sido aberto, correndo em torno do mesmo os mais apparatosos commentarios!

⁂

O monsenhor João Martinho é, porém, o chefe politico da zona da Boa Viagem, é um dos proceres da governança do Estado, embora tenha sido civilista, quando, á frente de uma commissão de estudantes, clamava contra a policia que hoje o protege, acusando-a de espaldeiradora do povo!

Cobre-lhe, além disto, o manto negro da nefasta religião de Roma, cheio de bordados de um vermelho berrante, que lhes dão as honrarias de monsenhor.

E' o bastante para a sua impunidade, mesmo sendo reconhecido o autor do horrendo crime de que é accusado!

Mas a sociedade não lhe perdoará, porque conhece-o bastante nesse escabroso terreno da libidinagem.

Póde a imprensa continuar queda e muda, póde a policia dispensar-lhe a sua escandalosa protecção.

Nós continuaremos a bradar armas, a clamar

JUSTIÇA!

Servo de Loyola.

⁂

Para melhor esclarecer o escandaloso caso, reproduzimos a seguinte carta dirigida ao nosso presado collega *O Livre Pensador*:

«Sendo eu um dos assignantes e apreciadores do *Livre Pensador*, desejo tambem fornecer alguns dados sobre o assumpto de que trata.

O famigerado conego João Martinho, muito conhecido em Minas Geraes, fundou uma associação *beneficente* das Filhas de Maria, irmandade de moças da melhor sociedade bellohorizontina. Dessa associação fazia parte a senhorita Luiza, moça elegante e vistosa, muito intelligente, contando apenas 18 annos de idade. Esta moça foi deflorada pelo santo ministro de Deus em um confessionario da igreja da Bôa Viagem!...

A coisa, a principio, continuou occulta, e deste modo a moça continuou como filha de Maria. Passados, porém, alguns mezes, e reconhecendo a infeliz moça que não poderia dignamente pertencer a um homem, pois estava maculada, em face de tão tremenda desgraça, de que só então reparou, — a pobre Luiza endoideceu.

Foi mandada para um hospicio de Barbacena, e após alguns mezes ficou curada, voltando então para Bello Horizonte, para casa dos pais, pessoas respeitaveis e de posição na nossa sociedade.

O *ministro*, ao saber que a sua victima se achava restabelecida, assediou-a novamente, e a tal ponto que a infeliz recaiu no seu estado de loucura, injuriando o ministro de Deus. Talvez devido ao seu estado, tem ido de casa em casa, referindo a sua desgraça e apresentou queixa ás autoridades principaes da capital mineira.

As autoridades, porém, não agiram até agora, alegando ser a desgraçada Luiza maior! E o sedutor continuará a merecer desta mesma sociedade que acaba de ser affrontada de um modo tão cynico e brutal, a mesma consideração de outr'ora!

Será possivel?...

E a pobre Luiza, louca de dôr e de desespero por ter visto que não póde mais ser uma mulher pura, que não póde mais ser uma esposa digna, uma companheira virtuosa, — é internada numa casa de saúde do Rio de Janeiro, por conta dos pais!...

Sr. redactor: grite, clame justiça no seu jornal, já que em Minas, infelizmente, não temos um jornal que queira arcar com a responsabilidade de dizer e commentar tão terriveis verdades.»

Biblia vermelha

O christianismo segurou o mundo pelo pescoço durante cerca de 1500 annos. Durante mil annos, não teve rivaes, e como resultado, achamos o mais sombrio e sangrento periodo da historia da humanidade.

Emerson.

⁂

Uma religião intolerante, uma religião cujo culto exige uma despesa consideravel, é incontestavelmente uma religião nociva. Forçosamente, com o andar dos tempos, a sua intolerancia despovoa o paiz e o seu culto demasiadamente caro o arruina.

Helvétius.

Um bello gesto do povo portuguez...



...que deve ser secundado pelo povo brasileiro

Concurrentes

O eminente escriptor Enrico Malatesta, em artigo publicado por occasião de uma morte, por accidente de trabalho, de que fôra victima um tal Victor, rei de seu officio, perguntava se — «um pouco de logica é assim uma coisa tão difficil?».

E' o caso de repetir-se a pergunta agora que a muito civilizada, muito bem policiada, muito populosa cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro acha-se toda alvorotada com a inesperada visita das extranhas mulheres que estão enchendo as columnas dos grandes e pequenos diarios burguezes, com as noticias sensacionaes de curas maravilhosas, nunca vistas!

Trata-se de umas chinezas que, com uns paozinhos que trazem espetados nos negros cabellos, tiram dos olhos da gente bichos em penca, restituindo a vista aos cegos, aos myopes, aos presbytas, ficando esta novinha em folhas!

Os occulistas, ao que parece, estão consternados e com elles os boticarios e negociantes de instrumentos opticos, porque a continuarem aqui as boas chinezas, terão que fechar as portas dos seus consultorios e estabelecimentos, o que contribuirá tambem para o decrescimento das rendas municipaes, que já não estão muito prosperas.

Não se fala noutra coisa senão nas patricias do velho Yuan-Chi-Kai, o primeiro presidente da Republica chineza.

Porém eis que os phariseus, tal qual como os de Jerusalém que perseguiram aquelle bom e meigo judeu que cuspia no chão cheio de pó e com o dedo fazia uma mezinha que esfregada no olho (não posso dizer na vista) tornava-o como um microscopio, já querem mandar para onde deviam estar a esta hora o padre Faustino e as boas criaturas!

Contra esta arbitrariedade inaudita é que venho pelas columnas da *Lanterna*, que tambem está curando da cegueira muita gente por este Brasil afóra, trazer o meu protesto.

Dizem os hypocritas doutores da policia que são umas impostoras, umas ladras desvergonhadas, e para perde-las puxam do codigo e citam o art. 157 que reza: «Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou de amor, inculcar curas de molestias curaveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica.»

Sou, como aquelles que me conhecem sabem, contra todos os privilegios de classe, e é um privilegio deixar livremente exercer-se o commercio que em innumeros estabelecimentos por ahi se faz, sem nenhum imposto municipal ou federal, a toques de sinos, foguetes, musicas, et cœtera. Vender-se amuletos, bentinhos, rosarios, agua de Lourdes; tirar o diabo do corpo e benzer casas, para livra-las de malassombrados são especialidades inherentes aos diversos ramos de negocio, da mesma forma que os bichos dos olhos, os espiritos galhofeiros dos espiritas e os gallos pretos com azeite dos feiticeiros.

Cair com todo o peso da lei sobre uns e deixar os outros em paz, seria uma iniquidade.

Dir-nos-ão que as chinezas, os espiritas e os feiticeiros ou bruxos não são catholicos, não pertencem á nossa santa e unica verdadeira religião, por isso devem ser rigorosamente perseguidos como embusteiros.

Sei, sei, que a lei nunca foi feita para a gente de casa, é esta justamente a unica razão de ser de tão respeitavel instituição, maleavel ao extremo nas mãos dos seus pontifices tonsurados ou não.

Então digam francamente que não querem concurrencia, formem o seu *trust*, que é coisa que está na moda, tendo esta excellente arma de guerra dado os melhores resultados que se podia esperar. E' urgente, é necessario mesmo, porque a fallencia seria certa, visto a quantidade enorme e a variedade de artigos que viria produzir desequilibrio entre a producção e o consumo.

Logica é que não póde haver desde que pela mesma falta, pelo mesmo delicto sejam punidos uns e deixados em paz outros.

Já estou vendo daqui os olhos furibundos do padre Faustino...

Mas quem sabe se logica não é isto mesmo.

Vou perguntar ao Pinheirinho ou ao Laet.

Adrecal.

Rio, 10 — 3 — 912.

Esperemos

Se recapitularmos todos os factos que se ligam ao caso Idalina, devemos estar animados com o resultado da pugna travada.

A defesa que os accusados apresentaram, ruiu sem esforço, como si fôra um castello de cartas.

Quem mais acreditará em Maria Luiza? Quem poderá, hoje, de boa fé, sustentar que Idalina appareceu afinal? Quem poderá hoje sustentar que Maria Magdalena, má filha, tão ruimzinha que renegou seus proprios pais (!) é a desapparecida do Orfanato Colombo?

Os processos continuam. O superior Tribunal de Justiça pronunciou o dr. Passos Cunha e Oreste Ristori: é facto.

Leuenroth, o intrépido pelejador, está processado. Em compensação os accusados e seus defensores guardam silencio. Consoni processou os redactores da *Lanterna* e *Battaglia*.

Mas, seja qual fôr o resultado do processo, uma verdade se nos affigura irrefutavel: «O director do Orfanato Colombo não provou a existencia de Maria Luiza».

Não devemos desesperar da justiça de S. Paulo. Gastão de Mesquita, Vicente de Carvalho e o jury memoravel de janeiro são garantias seguras de que a justiça não desappareceu da terra illustre dos Andradas.

Esperemos, portanto, esperemos... Se assim não acontecer, porém, tanto peior para os tyrannos e despotas. Lutamos pela verdade e por ella resignados soffreremos.

Hoje a prisão não faz calar a voz dos que bradam famintos de justiça. No caso de que se trata a prisão não deshonra a victima. Deshonrados ficam os que ordenaram a prepotencia ignobil. O procedimento arbitrario da policia em 12 de março do anno passado apenas conseguiu, como dissemos, estreitar nossa união.

A decisão do jury julgando não provada a existencia de Maria Luiza, apezar do relatorio do sátrapa Pinheiro e Prado, nos indica claramente o nosso dever, que nos ordena lutar.

Lutemos portanto. Lutemos esperançados e a cada batalha corresponderá uma victoria. Lutemos calmos, corajosos, lutemos ainda e sempre. Lutemos e esperemos. Esperemos, animados pelas victorias já obtidas (a defeza dos padres pulverisada, descoberta a mystificação de Maria Magdalena, a sentença do illustre magistrado Gastão Mesquita, o parecer dado á justificação do incansavel Benjamim Mota, pelo integro juiz Vicente de Carvalho e a decisão do memoravel jury de janeiro) esperemos, confiantes, o resultado final da peleja cruel. Não devemos desanimar. Roma não se fez num dia. Nosso dever nos ordena lutar. Lutemos, portanto, pois esse é nosso dever.

Lutemos calmos, corajosos, persistentes. Lutemos... e, animados pelas victorias obtidas, esperemos que chegue o dia em que, chamado pela justiça, Consoni responda á pergunta, que até hoje ficou sem resposta satisfatoria, pergunta que o persegue como atroz pesadello, pergunta que lhe fazemos sem cessar «Padre Consoni: onde está Idalina?»

Rio, 11 — 3 — 912.

Eduardo Vital.

Nova milagraria

Os jornaes franceses publicam a nota seguinte:

FOIX, 2 de fevereiro — Um padre esmagado por um rochedo — O rochedo «da Virgem», que dominava a igreja de Cabanes (*departamento de Ariège*), destacou-se em quanto o cura da parochia, padre Pellegrin, dizia missa. O telhado da capella foi arrombado; as paredes desabaram. O parocho, surprehendido no momento em que elevava a hostia, foi esmagado. O menino de côro que ajudava á missa, Julio Delpech, tem uma perna quebrada e contusões pelo corpo todo. No lugar do rochedo, jorrou com força uma fonte de agua quente sulfurosa. Pensa-se que este accidente foi causado pela pressão dos vapores sobre o fundo do rochedo e pela desagregação lenta dos terrenos.

Esta occorrencia parece vulgar, não? Pois é fecundo em resultados e, se daqui a dez annos estivermos vivos, voltaremos ao assumpto.

Já numa das mais ricas cidades das cercanias de Paris, algumas beatas naturaes de Ariège rogaram ao cura que se pusesse á frente duma commissão. De Foix vieram adhesões de «filhos de Maria». A coisa caminha. Vai-se retomar a these sustentada por um fogoso prégador, quando do incendio do Bazar da Caridade: «Se a Virgem destacou o seu rochedo e matou o seu discipulo, é porque este estava preparado para o Paraiso; levantar-se-á uma estatua a Pellegrin, muito parecido com «peregrino». A fonte sulfurosa será milagreira. Despertar-se-ão velhas lendas. Etc.»

Creiam: prepara-se uma concorrencia a Lourdes. «La Vierge des Cabanes», Nossa Senhora das Cabanas: nome democratico-beato, para todos os paladares. Em quanto não se chamam os tolos, já se appella para as subscripções.

P. Erard.

Excellentes observações

Com esta epigraphe e a proposito da critica feita por G. B. ao artigo de Angel A. Monchietti, inserto antes no *Azote*, de Buenos Aires, e traduzido depois por um amigo para a *Lanterna* — «Christo e os padres», encontramos ainda em *La Libre Pensée*, firmadas pelo illustre escriptor do livre-pensamento, sr. Augusto Dide, as seguintes considerações:

«O nosso collaborador G. B. fez muito justamente notar que certo numero de livres-pensadores, desejosos de polemizar contra as Igrejas christãs e os curas ou pastores, agentes salariados dessas Igrejas, empregam um processo de argumentação que não assenta sobre base séria alguma.

«Para os effeitos da sua polemica, concedem aos Evangelhos um caracter de historicidade que esses Evangelhos de forma alguma possuem. Citam, considerando-os authenticos, ou parecendo considera-los como historicos, actos que Jesus teria executado e palavras que elle teria pronunciado. Ora sobre o que fez Jesus, — suppondo que tenha existido, — nada se sabe; sobre o que elle disse, não se sabe mais. Argumentar sobre o que se ignora, sobre o que não existe no estado de realidade historica é advogar uma causa sobre um processo imaginario, com todas as peças inventadas. E' contribuir, sem querer e com boas intenções, acredito, para consagrar como verdade uma lenda, para popularizar uma illusão, para fortalecer uma mentira.

«E' certo que, renunciando a essa especie de controversia, nos privamos do prazer bem magro de pôr os curas e pastores em contradicção com os Evangelhos que elles teem por officio ensinar. Mas é victima duma illusão quem julga embaraçar os profissionaes da crença salariada, porque nos pretensos livros santos acham-se as mais contradictorias affirmações. Como prova, bastanos recordar que o catholicismo se apoia na Biblia e que nella se apoia igualmente o anti-catholicismo da Reforma. Nas «sagradas escripturas», acham-se para as duas pretenções fortissimos argumentos.

«O joguinho consistente em oppor versículos do Antigo e do Novo Testamento a outros versículos é uma infantilidade sem alcance. Os republicanos de 1848, muito pouco ao corrente da sciencia historica, sentiam gôsto em poder dizer-se discipulos do «sans-culotte Jesus», do «sublime operario» (?), do Jesus «democrata (??) e socialista» (???). Hoje tal polemica caiu no nivel intellectual de *Monsieur Homais*.

«E' da nossa dignidade emancipar-nos della.

«E conclue que seria bom publicar, em poucas paginas muito claras e solidamente documentadas, as provas da não historicidade da vida e ensinamentos de Jesus.

«Fiz esse trabalho em *La fin des religions*. Mas o volume, de perto de 500 paginas, custa tres francos e meio e teve que dar um largo espaço a discussões de textos e a considerações theologicas e philosophicas inuteis na publicação popular que tenciono fazer.

«E' uma obra que é preciso recomeçar e condensar.

«Hei de tenta-la e leva-la a cabo, se mo permittirem a idade e a saude.»

—

Respondendo ás declarações de G. B., cremos ter dito já o sufficiente.

Não se trata de conceder a Christo ou aos Evangelhos um caracter de historicidade, aqui negado a cada instante; toma-se apenas o livro que a Igreja diz ser o seu codigo, e nas partes mais evidentes, mais palpaveis, não nas minudencias sophismaveis, mostra-se aos simples que a Igreja não segue a sua propria doutrina, mas o seu interesse economico e politico.

Não nos prestamos ao joguinho de oppor versiculos a versiculos, como fazem os que dão credito á Biblia, e temos aqui repetido muitas vezes que todas as doutrinas reivindicam Jesus e tudo se pode tirar e concluir dos Evangelhos, desde as innumeras seitas protestantes ao tolstoismo.

E folgamos com a boa noticia que nos dá o illustre autor de *La fin des religions* sobre a publicação popular que tem em vista, fazendo votos para que o assumpto fique realmente reduzido á sua maior simplicidade e clareza. Não deixaremos, por nossa parte, de o aproveitar e traduzir, se o autor der licença.

Se o pequeno artigo de Monchietti tiver contribuido para tal resultado, é caso para nos arrependermos cada vez menos de o haver reproduzido!

NOTAS A' MARGEM

18 de março

Entre as datas revolucionarias, a de 18 de março de 1871, é inegavelmente a data operaria. A Communa de Paris seria, como disse Hugo, «uma coisa boa mal feita» — mas não ha dúvida de que foi uma boa coisa.

Era preciso illuminar o problema social com o reflexo dum grande incendio. A luz dos archotes é a luz das sedições populares, mas á sua luz vermelha e sanguinea lêem-se bem os direitos da humanidade.

Um clamor hypocrita, como o é sempre o clamor das boccas habituadas á linguagem do servilismo, procurou cobrir de infamia esse acto generoso embora rude do povo trabalhador, volvido em legionario armado da sua causa. Assim, a Communa derrubou a columna Vendome, e de todo o mundo rompeu um grito de horror. A Comuna fôra logica. As revoluções que asseguram direitos teem o dever de destruir os symbolos da oppressão. A grande revolução derrubára, em 1792, a estatua de Luiz XIV, que representava o orgulhoso absolutismo da monarchia. A revolução communalista derrubou igualmente a columna Vendôme que representava a glorificação da conquista e da invasão dos povos irmãos. — E era nesses mesmos povos que se levantavam vozes clamando que tal derrubamento equivalia a um sacrilegio.

Em Portugal não faltou essa voz, pugnando pela conservação altiva do monumento que entre outras violações do direito dos povos representava a invasão do nosso paiz pelas hordas napoleonicas. Mas tambem, — e gloria lhe seja! — outra voz, generosa, magnanima e pura, a de José Falcão, se ergueu intrepidamente para justificar essa sublevação de cóleras e lagrimas, que foi a Communa de Paris, a que Jules Vallés chamou com a eloquencia que brota do coração, — a grande federação das dores.

Era tambem o refractario gigantesco que, na agonia da Communa, com incisiva phrase, lhe marcava a eterna significação ideal. Ao partir para a ultima barricada da derrota e da morte, elle dizia ao carpinteiro Pindy que o acompanhava: «Vá, Pindy; toma a tua plaina, e aplaina-me o velho mundo!»

Ah! sim! — este velho mundo é preciso aplaina-lo com mãos de bronze. Quantas aparas de preconceitos, abusos, oppressões e crimes sociaes não resaltaram da valente plaina da Communa.

Forte, bello e grande foi esse rude esforço proletario, e eu sinto-o e admiro-o bem, ao ler, precisamente ao terminar estas linhas, que uma estatistica recente avalia em mais de 200.000 por anno, e em todo o mundo o numero de suicidios, cuja primeira causa, senão a essencial, é a miseria, — producto horrivel das desigualdades sociaes, eterno crime das sociedades e dos regimens conservadores!

Mayer Garção.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — O theatro do largo da Concordia tem tido nestes ultimos dias uma concorrencia extraordinaria, devido aos excellentes numeros de variedades que ali estão agora sendo apresentados, entre os quaes alguns de verdadeiro valor.

Senão, certifiquem-se os leitores indo assistir os seus espectaculos á noite e aos domingos as suas matinées.

Theatro Casino — No Casino trabalham agora diversos numeros que merecem ser apreciados, razão pelo qual as enchentes têm sido ali constantes.

Amanhã, na sua matinée, será apresentado um bom programma.

Cinema Congresso — A noticia sobre este cinema não pode ser senão a mesma de sempre: que os seus programmas são constituidos por escolhidos e bons films, o que se confirmará na sua matinée de amanhã.

Jockey Club — O programma das corridas de amanhã neste prado está organizado de maneira a chamar a attenção dos admiradores desse genero de sport.

MUITO BEM!

O sr. Lauro Müller, ministro das relações exteriores, declarou que não compareceria officialmente ás exequias do barão do Rio Branco, realizadas na igreja da Candelaria, por isso que, sendo a Republica leiga, o seu governo não pode, nem deve tomar parte em ceremonia cultual de qualquer das religiões professadas no Brasil.

Bravissimo!

Essa norma de proceder do digno ministro mostra que elle tem a nítida comprehensão dos deveres, que lhe incumbem, no cargo que em boa hora, lhe foi confiado.

Resta agora que o novo chanceller dê mais uma prova cabal e affirmativa das suas convicções democraticas e anti-sectarias promovendo com medidas que os bons republicanos vêm de ha muito reclamando: a suppressão da legação brasileira junto ao Vaticano. — I.

No confessionario

Aqui me tens, leitor curioso, como te prometti. Vamos portanto até á igreja procurar um refugio onde, sem seres visto, possas ouvir a edificante prática que o padre hoje vai ter com tua esposa.

A hora é boa para entrarmos. As portas estão abertas e lá dentro apenas uma ou duas beatas. Depressa, e por aqui... Disfarça-te. Reveste-te de santas apparencias.

O confessionario, vês? é ali. Ha um recanto, na sombra. E ao lado um reposteiro. Anda. Esconde-te. E agora, espera. Lá começa a romaria das devotas.. Aquella é a mulher do teu vizinho commendador. Sobem como um carro de bois! E aquella? Ah! sim; é a viuva dos 300 contos. Boa mina para os padres...

Olha, lá vem tua mulher... Silencio: o padre chegou já e dirige-se aqui. Cuidado agora. Olha se elle nos vê é o fim do mundo. Accende o beaterio contra nós e ahi temos um escandalo terrivel, de que a boa imprensa tirará um optimo partido, durante mezes seguidos. E o peor é que se isso acontecer, temos que nos deitar á unha com essa fandangagem e é o diabo: chegamos a casa todos arranhados. Silencio pois..

Começa pela viuva. Que o caso é para isso: 300 contos não são 300 réis. E como sabes a confissão demora conforme o *peso* da confessada... Emfim, lá se ergue... Segue-se a *commendadora*. Tambem vale a pena demora-la meia hora: pesa 150 contos e como sabes não tem filhos... Agora vai aquella velha.. Mas não; é tua mulher. O padre fez-lhe signal.. Marosca, dizes tu. Ora tapa a bocca. Aquillo é assim mesmo e não tens que repontar... Lá se ajoelha ella. Benzeu-se. Elle deitou-lhe a bençam com dois dedos e ella reza em voz baixa a *confissão*...

— Eu, peccadora, me confesso a Deus Todo Poderoso...

Vais portanto ouvir como Deus fala ás creaturas. E agora não te impacientes. Ouças o que ouvires, faze de conta que és de pedra... Já começaram...

— «Sim, minha filha, é um peccado. Venial, é certo; mas ás vezes os peccados veniaes teem toda a malicia dos mortaes. Diz Santo Affonso que basta um peccado venial para atirar com uma alma ao inferno! Porque não vieste logo cá para eu te absolver e socegar o espirito?...

Ah! mas a familia não deve ser causa da nossa perdição. A salvação da alma está primeiro que a familia. Mesmo porque, minha filha, a verdadeira familia para ti deve ser Deus e Maria Santissima... Bem sei; mas quando um marido assim é apegado aos bens terrenos, a esposa deve oppor-se...

Mas ao menos elle auxilia-te nas tuas devoções? Contribue para o esplendor da Igreja? Auxilia obras pias?... Que horror! Como podes tu viver com um homem assim? E como é que Deus te não castigou ainda? Ah! minha filha, tens que mudar de vida...

Como? Procurando por todas as maneiras trazer esse desgraçado aos pés do confessor e no caso de elle resistir ás tuas supplicas, tens obrigação de o abandonar! Porque antes tu vivas na terra e ao abandono do que na abundancia, mas vás depois cair no inferno... Deves, portanto, oppor-te. A principio brandamente. Leva-lo mesmo por caricias. Depois, se não quizer, arrelia-lo, contraria-lo, desgosta-lo. Ameaça-lo com uma continua guerra na familia, começando por te servires dos criados. São elementos precisos.

E olha que um marido contrariado pela esposa, desrespeitado pelos servos, apoquentado pelos filhos, succumbe em pouco tempo. E tu deves faze-lo, para a tua propria salvação. Que casas frequenta elle? quaes são os seus amigos? que jornaes lê?... O desgraçado! E podes tu viver e falar com um infeliz assim?

Que desgraça para uma familia! Vê tu o perigo que tens corrido... Mas não, minha filha, o verdadeiro esposo é Deus.

Esse sim, que tu precisas respeitar e amar com todas as tuas forças e de todo o teu coração... O mundo? que tem comtigo o mundo? O mundo é de Deus, tu és de Deus, tudo é de Deus, e obedecendo tu a Deus nada mais tens a recear... Ora, minha filha, tudo isso está em segundo lugar: primeiro Deus, primeiro a alma, primeiro a salvação... E as tuas filhas?... Sim, mas não basta: deves traze-las para serem inscriptas na *Pia União das Filhas de Maria*. Será um dos meios para trazer teu desgraçado esposo á Verdade da religião. Se o não fizeres não terás nunca paz no lar e condemnas a tua alma a um tormento eterno... O dinheiro que teu marido tem desviado para centros e jornaes republicanos, deves tu fazer com que elle o applique a obras pias e leia a *boa imprensa*. Se elle não quizer podes e deves desviar igual quantia para as coisas da religião. Se elle perguntar para que é o dinheiro ou lhe dizes a verdade, ou não querendo sujeitar-te ás suas iras, dizes-lhe que foi para qualquer coisa de casa e para os pobres. Mentir para servir a Deus não é mentir. Pelo contrario, esse sacrificio é mais uma grande virtude que Deus Nosso Senhor te levará em conta.. Dize-me ainda: dás o debito a teu esposo.. E quantas vezes?... Pois minha filha, tens peccado mortalmente. Porque unir assim a tua carne á carne dum tão grande peccador é peior que commetter um adulterio. E' um acto carnal de immensa gravidade, peor que a prostituição. Ter relações com um homem assim é o mesmo que estar amancebada. Não tornes, minha filha...

Embora: deves resistir-lhe.. Mas para tudo a Igreja dá remedio: separas-te e entras num recolhimento... Os filhos? Mas os filhos não devem ser causa da tua perdição eterna!... Choras... Pois esse choro indica que precisas tratar da tua alma. Esse choro vem de teu apego ás coisas terrenas e isso é um grande peccado.

Estás portanto enredada nas armadilhas do diabo. E' preciso que as partas e sigas triumphante para os doces laços do Senhor... Não basta, minha filha, precisas renunciar a tudo isso, fazendo entrar tua familia no seio da Igreja Catholica. O teu coração, o teu amor, todos os teus pensamentos devem ser para Deus. Tudo deves a Deus que te tirou do nada e te criou, indo morrer por ti, pregado numa cruz de pés e mãos, onde derramou o seu precioso sangue até á ultima gotta. A elle portanto, te acolherás, elle e só a elle amarás. Tudo o que tens e que vieres a ter, a Deus pertence, a Deus o deves. Não regateieis pois com Deus. E agora vai. A absolvição que te deito é apenas *sub conditione*: se fizeres o que por mim te ordena a Igreja, estás realmente absolvida; não o fazendo, é o mesmo que aqui não tivesses apparecido; ficas sem a absolvição dos teus peccados e com o inferno á tua espera. Dou-te oito dias para realizares essa penitencia. Passado esse praso aqui voltarás para eu então te absolver... Faze o acto de contricção, em quanto eu peço a Deus por ti.. Supremo Senhor do céu e da terra, não voltes a tua divina face contra esta peccadora antes a auxilies com a tua divina graça. Tu que ordenastes a Moysés que batesse na rocha do deserto, transformando-a numa fonte de agua viva, faze que ao toque da tua divina graça, brotem deste coração arrependido e humilhado a teus pés, fontes de amor por ti, unido o seu amor ao teu, até fazeres della uma filha dilecta para tua honra e gloria. *Pax tecum. Amen.*»

Ouviste bem, cidadão impaciente, cidadão furioso? Mediste todo o alcance dessa primeira intervista? Pois bem, regressa ao lar e não espanques nem censures a tua pobre mulher, porque o culpado és tu. Ha muito lhe devias ter libertado o espirito dessas baixas superstições religiosas, que degradam a especie e aniquilam a familia... Perguntas-me como has de vencer o padre?... Mas é simples; ama tua mulher. Não a abandones nem a esqueças. Reparte as tuas horas de ocio de modo que metade pelo menos seja para a vida do lar. E verás como ella vai comtigo affavelmente e solidariamente atravez de todas as vicissitudes e miserias, sem se lembrar de padres nem de santos, acreditando apenas no teu esforço de homem e na certeza do seu amor por ti. Regressa pois ao lar tranquillamente, E confia em nós ambos: em tua mulher e em mim: Nenhum de nós te enganará.

Thomaz da Fonseca.

A revolução mexicana

Apesar do quasi absoluto silencio dos grandes rotativos a seu respeito, a revolução iniciada em 1906 pelo povo mexicano para a conquista do sua emancipação economica continúa a sua marcha vigorosa, estendendo-se cada vez mais por todo aquelle rico paiz.

O Partido Liberal Mexicano, que tem por lema este principio: *Pão, terra e liberdade para todos!*, prosegue na sua obra extraordinaria, augmentando incessantemente as suas fileiras de novos combatentes.

Regeneracion, que é o orgão desse partido, está agora lutando com um pesado *deficit* devido á necessidade de fazer enormes tiragens para serem distribuidas pelo povo do Mexico.

Attendendo a um appello recebido do Comité do Partido, o companheiro Feliciano Chans resolveu abrir uma subscripção em favor do citado jornal, iniciando-a com a quantia de 25$000.

Todos as pessoas que queiram prestar o seu auxilio á grande causa dos revolucionarios mexicanos, podem dirigir-se ao mencionado companheiro, no largo de S. Bento, no automovel 418, ou na rua Oriente, 113 e tambem á nossa redacção.

DA PORTA DE EUROPA

O regresso da normalidade — A justiça militar terá prêsa? — Acentua-se o fiasco — Um recurso desesperado de gente em maus lençois — Os operarios vítimas de intrigas e contendas politicas — Uma alusão do «Sindicalista» — Em França: Recapitulação do caso Rousset — Os elementos que entram no protesto contra a iniquidade — Dreyfusistas arranjados e dreyfusistas desinteressados — Fala o «capitão» Dreyfus: dúvidas e restricções — A colossal manifestação do dia 11 nos funerais de Aernoult — Um imenso cortejo — Os mantenedores da desordem só puderam intervir no fim.

Lisboa, 18 de fevereiro

Eis que renasceu a calma — a das almas e a do tempo, porque a tempestade açoitou o mundo interior e o exterior.

Suprimida primeiro a censura prévia, cujos cortes, por vezes comicos e insondaveis, são agora dados a lume como número de carnaval, para júbilo dos foliões, foi ontem publicado o decreto que levantou a suspensão de garantias e restituiu às autoridades civis o governo do distrito, confiado às mãos protectoras da classe armada... Este decreto obtivera no parlamento uma pequena maioria, mas diz-se que por terem entrado na maioria reprovadora muitos que quereriam anulada tambem a jurisdição militar especial.

E funcionará realmente, para julgar os imaginarios conspiradores, o já composto tribunal militar?

Composto já êle está, não ha dúvida; estão nomeados os oficiais componentes; mas os operarios detidos foram quasi todos postos em liberdade, sem proprocesso, e dos que restam na cadeia civil do Limoeiro muitos, segundo se diz, não irão senão aos tribunais comuns como infractores do regulamento das greves...

Restará alguma coisa para os juizes soldados?

Entretanto o fiasco governamental, ainda não confessado — nem o será, é indubitavel — acentua-se cada vez mais, perante um círculo de opinião cada vez mais largo. Exigem-se provas, com energia e indignação, e as provas continuam no limbo obscuro do nada.

Dá-se até uma grosseira e desgraçada manobra. Certa imprensa, a que mais se distinguiu no insulto e na calúnia, começa com o mais inacreditavel dos desplantes a elogiar os militantes sindicalistas presos, reconhecendo-lhes os desinteressados serviços prestados à causa da revolução republicana, e a afirmar que nem ela nem o govêrno jamais disseram terem sido esses operarios os promotores conscientes duma contra-revolução monarquista!

Por mais embotados que estejamos para as sensações fortes e imprevistas, embora tudo esperemos dos meios jornalísticos e da moral dos politicantes — estes processos, ainda que sabidos, fazem sempre caír os braços de surpresa e de desánimo. E de nojo tambem. Como! Não se falou num fantástico cheque de 30 contos? Não afirmou o governo a existencia de «ramificações», não deu como prova o «luxo» das instalações sindicais, o automovel a serviço dos grevistas? Não se fantasiaram violencias? Não foi cercada a Casa Sindical — que o governo persiste em manter fechada, afirmando que não a restituirá, a despeito de tantas e tam decantadas liberdades? Não foram presos os militantes sindicalistas e mais de mil grevistas? E a famosa «nota oficiosa» afixada pela cidade? E as palavras do govêrno no parlamento? E as leis de excepção?

Tão desastroso recuo, não oficial embora, só serve para marcar melhor o descalabro miseravel do castelo de insinuações e torpezas.

Diz-se que o governo não quís senão desfazer-se da greve por meio duma artimanha — arremessando sobre ela a suspeição, ainda tam eficaz, de manejo contra-revolucionario. Se assim foi, conseguindo o seu fim imediato, embotou ao mesmo tempo a sua arma astuciosa e colocou-se exactamente sob o escarro de descrédito que êle cuspiu para o ar.

Outros garantem que o govêrno apenas pretendeu aparar disfarçadamente, o golpe de Estado que os radicais da politica andavam a tramar. Isto explicaria muitas coisas, desde o procedimento inesperado e excessivo do ministerio à espectaculosa indignação dos mesmissimos radicais contra a greve e contra a conspiração... monarquica...

O *Sindicalista* que ontem apenas restabelecidas as garantias, publicou um número de sensação, avidamente procurado, alude a «solicitações» que «partiram dos republicanos e que os operarios repudiaram», e diz ao govêrno que investigue, se quiser, do que duvida. Já *O Intransigente*, sabedor de certas revelações, se oferecêra para depôr, mas até hoje o seu testemunho tem sido dispensado. O govêrno já sabe demais...

A politica! A politica!

*

Já me referi, numa das correspondencias anteriores, ao caso do soldado Rousset, uma nova «questão Dreyfus», sendo porêm a vítima presente desguarnecida de galões e de riquezas e os seus defensores insuspeitos de venalidade.

Os leitores hão de estar lembrados. Rousset, soldado dum batalhão disciplinar de Africa, longe dos amigos, afastado dos grandes centros, abandonado à furia dos sargentos e agaloados, desprezando o já tradicional exemplo de cobardia dos seus companheiros, vítimas e testemunhas de atrozes sevícias, denunciou à opinião um crime dos seus superiores: o assassinato do soldado Aernoult. Perseguido pelos agaloados, Rousset, para se vêr livre da sua vingança, passando para a capital da circunscrição militar, incorreu voluntariamente num caso de conselho de guerra, pela «recusa de obediencia». Foi condenado a cinco anos de presidio.

Entretanto, os assassinos, ante a queixa dos pais de Aernoult, que não se atemorizaram, eram submetidos a processo. Um forte movimento de opinião conseguiu libertar o heroico Rousset, que ia ser uma terrivel testemunha de acusação, juntamente com outros, animados pelo seu exemplo.

O ministro, porêm, em vez de fazer o acto completo, mudando Rousset para França afim de o subtrair às íras dos ferozes agaloados destacados na Argélia, apenas o transferiu para um batalhão estacionado na fronteira marroquina.

Aproximava-se o julgamento dos assassinos e ia acabar o tempo de serviço do acusador. E' então que surge o bom ensejo ambicionado para a vingança e para a inutilização do inimigo.

Entre soldados deu-se uma rixa, a que assistiu casualmente Rousset, chegando a intervir para apaziguar. Do conflito saiu ferido com uma facada o soldado Brancoli, que veio a morrer no hospital. E Rousset, apesar do seu bom comportamento anterior como soldado, foi dado como tendo sido o assassino e como homem violento e de maus costumes. Acusaram-no companheiros conhecidos pelo seu servelismo aos superiores, pelos hábitos de espionagem e delação, um dêles pederasta, ladrão e assassino, outro o proprio esfaqueador de Brancoli! Em vão o ferido afirmara não ser Rousset o agressor, em vão o julgamento correu confuso, contradizendo-se as testemunhas entre si em cada pormenor, em vão o advogado pôs a nu a fábula arquitectada: Rousset foi condenado a vinte anos de trabalhos forçados e a outros vinte de interdição de residencia.

E' contra esta iniquidade que se levanta o operariado organizado e consciente da França. Os elementos sindicalistas, anarquistas e socialistas democraticos desenvolvem um admiravel esforço. Com êles cooperam alguns intelectuais do dreyfusismo, os desinteressados, os que não tiveram

em vista o poder e não foram por este conquistados, como Mirbeau, Anatole France, Loyson. O proprio «capitão» Dreyfus, que hoje por sinal é major, escreveu a Eugenio Merle:

«Senhor,

«Apresso-me a responder ao pedido que me dirigiu.

«Se se trata de defender um filho do povo contra a injustiça, serei dos vossos com toda a minha alma. Rousset, sejam quais forem os seus antecedentes, tem direito a toda a justiça, a toda a verdade. Se está inocente, estou pronto a manifestar o que penso. O seu processo, como foi publicado pelo jornal «Os direitos do Homem», não deixa, por ora, senão a angustia da dùvida, mas justifica um exame serio e aprofundado.

«Não posso porêm admitir uma manifestação contra o exercito, que não associo, *com toda a justiça*, aos crimes de alguns dos seus no meu caso.»

Este fecho é natural no major Dreyfus. Nem êle protestaria agora, não mostraria a sua dúvida, se não tivesse sofrido pessoalmente a injustiça.

No domingo passado, 11, fizeram-se em Paris os funerais de Aernoult, cujos restos voltaram enfim da Argélia, e a ocasião foi naturalmente aproveitada para um grandioso protesto contra a condenação de Rousset.

Trezentas mil pessoas, dizem os jornais operarios; cento e oitenta mil, dizem os do outro lado da barricada. Seja! Admitamos ainda o minimo! Calculem os leitores o que seja uma manifestação dessa ordem?

Toda aquella massa, semeada de bandeiras vermelhas ou negras e de *pancartes* com dísticos sugestivos, reclamava a liberdade de Rousset, entoava hinos revolucionarios, apostrofava o militarismo, a justiça militar e os batalhões de disciplina. E só no fim é que a policia ousou, dificultando a saida do cemiterio, ostentando forças provocadoras, promover a desordem e praticar violencias, que não ficaram aliás sem resposta.

Foi um memoravel dia de triunfo para as forças já imponentes duma nova forma social em gestação.

Neno Vasco.

A "LANTERNA" NO INTERIOR

EM QUELUZ

Papeis de casamento.

A Lanterna faz sciente aos seus leitores que vai a toda pressa tratar dos papeis de casamento de um revmo. vigario das bandas de Queluz com a *madame* Joanna de tal, moradora na mesma cidade.

Assim procede *A Lanterna* porque esse sr. vigario, que é mesmo uma joia de santo Ignacio, vive ha mais de tres annos com a *madame* Joanna, offendendo a moral catholica e o pudor do publico religioso, sem que S. Epaminondas, bispo de Taubaté, os mande separar.

Da convivencia dos dois *pombinhos* todo o publico queluzense é testemunha.

O casamento será realizado brevemente, á custa dos carolas amigos do santo vigario, e para o assistir desde já estão convidados todos os leitores desta folha.

Ao reverendo noivo enviamos sinceros parabens e á *madame* Joanna humildes condolencias.

Diabo Cõxo.

EM CACHOEIRA

Bizerrinhos novos.

Em Cachoeira, ha tempos, um padre Luiz querendo reclamar contra o barulho que fazia o chorar das crianças, subiu ao pulpito e berrou com voz retumbante para que as proprias imagens ouvissem:

— Convido as familias desta cidade a não trazerem á igreja os seus *bizerrinhos novos* (referindo-se ás crianças).

E isto disse um representante do analphabeto philosopho da Judéa, a quem attribuem esta exclamação:

— «Deixai vir a mim as criancinhas, é a ellas que pertence o reino do céu».

Seth Latour.

Noli me tangere

Terminamos com este numero a publicação do interessantissimo romance do grande martyr dos frades das Filippinas — José Rizal.

Julgamos superfluo falar do successo alcançado por essa obra prima, tão delicada na sua forma literaria como vigorosa no ataque á raça maldita que por tanto tempo infelicitou a terra de Rizal.

Agradou tanto o *Noli me tangere* que resolvemos edita-lo em livro, o que já estamos fazendo.

Esperamos dentro de um mez já te-lo á venda.

Aos assignantes da Mogyana

Participamos aos assignantes da *Lanterna* residentes nas localidades servidas pela linha Mogyana que o nosso companheiro José Romero começou a cobrança por essa zona.

São as seguintes as primeiras cidades a serem visitadas: Amparo, Serra Negra, Mogy-Mirim, Espirito Santo do Pinhal, Mogy-Guassú, S. João da Boa Vista, Poços de Caldas, Vargem Grande, Casa Branca, S. José do Rio Pardo, S. Sebastião da Gramma, Mocóca, Tambahú, São Simão, etc.

O resto do itinerario será publicado depois.

Estamos certos que os amigos das cidades mencionadas contribuirão promptamente com a importancia de suas assignaturas, esforçando-se tambem para ser augmentado o numero de assignantes do nosso jornal.

Os que, pelos seus afazeres difficilmente possam ser encontrados, prestar-nos-ão um obsequio deixando em casa a importancia devida, para evitar que o nosso companheiro perca tempo inutilmente.

Assim procederão todos aquelles que são sinceramente amigos da *Lanterna*.

HOSTIAS AMARGAS

Jesus Christo provou com numerosos milagres que era Deus.

(3.º thema de D. Sebastião Leme — Bispo auxiliar do Rio de Janeiro).

Nos evangelhos, só nos evangelhos encontramos a narrativa dos pretensos milagres de Christo.

E, no emtanto, si se tratasse de factos verdadeiros, seriam de tal modo estupendos, seriam tão sem segundos na historia da humanidade, que não deixariam de repercutir no mundo inteiro, attrahindo a attenção dos philosophos de todos os principios e eliminando todas as duvidas que até então pairar pudessem sobre a consciencia universal em relação á causalidade e finalidade do mundo.

Mas os evangelhos são mais que suspeitos, são inacceitaveis como obra destinada a cimentar a verdade, por isso que foram escriptos em épocas diversas, por personagens cujo estado d'alma os predispunha a encarar os acontecimentos atravez de um prisma todo falso, sendo que dentre os evangelistas alguns houve que se limitaram a escrever, a fixar lendas que lhes chegaram ao conhecimento por intermedio de outras pessoas.

Dando de barato que Christo tivesse praticado os actos relatados, e que são tidos como milagrosos, quizeramos saber se os seus discipulos, todos elles homens rusticos e ignorantes, tinham competencia para verificar si se tratava, mesmo de milagres, si havia mesmo inversão da ordem natural, ou se eram simples *trucs*, em que o seu mestre procurava prestigiar-se aos olhos delles.

Quem não sabe que a sciencia tem desmascarado todos os embusteiros e thaumaturgos, que hão lhe sujeitado ao exame os factos extraordinarios que allegam ter o poder sobrenatural de realizar?

Ainda hoje, em pleno seculo XX, ha quem acredite que em Lourdes, a pequenina cidade do departamento dos Baixos Pyrineus, onde mais escandalosamente floreceu o commercio da religião, dão-se todos os dias milagres assombrosos, e entretanto os livres-pensadores desafiam os catholicos a apresentar um unico caso de milagre verdadeiro ali acontecido, ali presente, e que resista á critica scientifica, sem que elles possam lhes responder ao repto, de maneira a dar ganho de causa á sua seita e de maneira a abiscoitar o premio importante que, em caso de triumpho, receberiam da redacção da folha italiana — *L'Asino*.

Milagres! Mas, senhores, é assim, sem mais nem menos, que se vai capitulando um facto de miraculoso?

Pois agora mesmo não estão no Rio de Janeiro duas mulheres chinezas por quem, ha alguns mezes, a população de Lisboa se tomou de fanatismo, a ponto de quasi se levantar contra o governo quando este as expulsou, acreditando que ellas tinham o dom divino de dar a vista aos cegos?

E não ha no Rio dezenas de individuos, que se presumem cultos e que affirmam que viram as chinezas extrahirem vermes dos globos occulares de doentes que foram consulta-las?

E se dentre esses individuos, alguns, que são jornalistas, se dispuzessem a escrever a chronica das duas filhas do Celeste Imperio, não diriam com toda a boa fé, que ellas extrahiam dos organs visuaes dos cegos larvas, vermes, bichinhos em summa, que lhes determinavam o estado de cegueira?

A ter-se de agir imparcialmente nesse assumpto, é preciso que não se acceitem tão somente os milagres mencionados nos evangelhos, mas tambem os que são descriptos nos livros sagrados de todas as religiões — o Alcorão, o livro dos Vedas de Viaza, etc. e mesmo os relatados em obras profanas, como a Illiada, a Eneida, as Metamorphoses, etc.

Ergo — concluamos á moda escolastica — os milagres narrados nos evangelhos nada provam em favor do caracter verdadeiro da seita christã.

Ignoto.

A "Lanterna" em Santa Catharina

Carta de um colono allemão ao Sr. Bispo D. João Becker.

Senhorra Pispa — Florianopolis.

Em primeiro lugar eu quer que V. Revma. me dá o seu penção p'ra eu vai p'ra cêo e tampem ajuta ganha muita dinherro no téra.

Nóss gatolique está muita driste borque essa bartido do «má-imprensa» quer acapar com nossa relixion. Nóss dodo tia reza p'ra N. Senhorr acapar com esse xente ruim, mas N. Senhorr non quer axuda p'ra nóss. — ella sape o que faz.

Tampem nossa xente frade franciscana anda muito driste e enfergonhada borque o «Glaron», essa xornal ruim, diz muito couça feia p'raelles; xá minguem querr manda mais moça p'ra confento d'elles e elles non pode vive sem moça ponita, enton elles vai manda buscá no nosso téra, no Hamburg — *ad libitum*.

Os allemons brodestantes tampem ganha xornal do *má-imprensa*, borisso nóss fica driste quando Serr. Vital Ramos e chefe bolicia vai Plumenau socorre xente quando ganha enxente e S. Revma. passa telegramma p'raelles, dicendo: — *Nóss está rezando p'ra passa xuva!!!*

Aquelle xente de Plumenau é tudo brotestante e maçonique, borisso N. Serr. manda castigo p'raelles.

Si V. Revma. non reza p'ra passa xuva (?) elles fica p'ra defuncto (ad majorem dei gloriam) e vai p'ra inferno! Um homem da bartido ruim diz p'ra eu: «Então, xacó, no tempo do grafofone o Serr. Pispo no tem fergonha dize que vai reza p'ra passa xuva? O Serr. Pispo está doente do capeça? Como ella non reza p'ra acapá o «Glaron» e o «Lanterna»? Ah? o «Lanterna» non querr acapa; esse nóss breciza d'elle p'ra allumia o nossa procisson do Scrêxa.

Senhorra Pispa. Nóss agorra ganha um medo muito grrande. Nóss fica sabendo que antes da Carnaval a convento dos nossos frrade fica *mal assombrada;* e que V. Revma. vai falla agoverno Vital p'ra manda bolicia toma conta do nossa xente, e governator diz: «Eu pode manda bolicia, mas soldato do exercito non.»

O Felippe do Praia manda um carta p'ra São Peter, dicendo: — *manda 20 homens p'ra guarda nossa xente!*

Eu fica rezando p'ra «tiabo» non vai la na caza da nossa frade franciscana.

S. Catharina, 25 de Fevereiro de 912.

Sua fiel — **Xacó.**

A festa de hoje

Realiza-se hoje no salão da Societá Leale Oberdan, sito á rua Brigadeiro Machado, 5, ás 8 e 1/2 da noite, a festa do Circulo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer.

Representar-se-á a comedia em tres actos de Ettore Dominici *La Legge del cuore* e a farça em um acto *Os dois conquistadores*.

Por um companheiro será realizada uma conferencia sobre o thema *La donna e l'avvenire*.

A velada terminará com um baile familiar.

Pequenos écos

Visitas — Vindo de Curityba e de passagem para o Rio, esteve em S. Paulo e distinguiu-nos com a sua agradavel visita o nosso denodado correligionario dr. Vianna de Carvalho, que, no Ceará, desenvolveu uma activissima campanha contra o clericalismo tanto pela imprensa como pela tribuna.

No Paraná o dr. Vianna de Carvalho effectuou tambem uma série de conferencias, o que, segundo nos disse, fará brevemente nesta capital.

— Tivemos tambem occasião de abraçar em nossa tenda de trabalho o nosso amigo e companheiro Carlos Abreu, conscencioso artista da companhia Christiano de Souza que está trabalhando no Theatro S. José.

Aos dois amigos agradecemos a visita, que retribuimos.

Vida operaria

EM S. PAULO

Reuniões de pedreiros — O grupo de pedreiros e serventes que está trabalhando pela constituição de uma sociedade resistencia da sua classe, continúa a promover diversas reuniões da mesma pelos arrabaldes desta capital.

No domingo passado teve lugar uma dessas assembleias em um salão da rua Conselheiro Ramalho, no bairro do Bexiga.

Um dos membros da commissão provisoria e o companheiro Edgard Leuenroth fizeram uma palestra sobre a organização operaria e os seus fins.

Hoje á noite será realizada uma outra reunião no salão do Circulo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer, na rua da Moóca, 132.

Os alfaiates — Tambem entre a classe dos alfaiates cogita-se da fundação de uma aggremiação para dedicar-se á defesa dos seus interesses.

Com esse fim já se realizaram duas reuniões na séde do Circulo de Estudos S. Conquista do Porvir, com séde á rua S. Domingo, 25, no Bexiga.

Amanhã, domingo, ás 9 horas da manhã, realizar-se-á uma nova assembleia da classe na séde do C. de E. S. Francisco Ferrer, na rua da Moóca, 132.

Os sapateiros — Os sapateiros das fabricas e particulares terão dentro em breve uma associação da sua classe.

O nucleo desses trabalhadores que está se esforçando para conseguir esse desideratum realizou no domingo duas reuniões: uma no salão do C. de E. S. Francisco Ferrer, na Moóca e a outra no Bexiga, na séde do C. de E. S. Conquista do Porvir.

Hontem, ás 7 horas da noite, realizou-se, no bairro do Bom Retiro, uma nova assembleia da classe.

EM SOROCABA

A União Operaria de Sorocaba está em plena actividade para a consecução do seu programma.

A sua escola já está funcionando sob a direcção de um bom companheiro.

Hoje á noite terá lugar a sua velada mensal.

Declarações de solidariedade

Damos abaixo mais algumas das cartas que nos têm sido dirigidas felicitando-nos pela sentença do Jury da capital no julgamento da fantastica Maria Luiza.

A todos os amigos que assim se collocam ao nosso lado, na campanha contra o clericalismo nefasto, esternamos aqui o nosso sincero agradecimento, esperando para muito breve a aregimentação de todos os nossos elementos numa poderosa organização de luta e de educação.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro — Nós abaixo assignados reunidos hoje, 7 de março, em assembleia geral, na séde social, á rua General Camara, 335, ás 8 horas da noite, deliberamos, por meio deste, trazer os nossos applausos e incondicional apoio ao redactor-chefe da *Lanterna* e aos seus dignos companheiros de luta pela victoria que acabam de alcançar com a decisão do Jury dando por não existente Itala Fonte ou Maria Luiza a quem os padres do Orfanato Christovam Colombo affirmavam ter entregado a menor Idalina de Oliveira, taboa de salvação a que se agarravam para attenuar a gravidade do desapparecimento da tutellada de Domingos Stamato que lhes fôra entregue para educar.

Outrosim, extranham que a Justiça paulista, compromettendo os fóros do grande Estado, não tenha até á presente data, chamado á responsabilidade, instaurando o competente processo, os directores do Orfanato.

Fazemos tambem nossa a pergunta: Onde está Idalina?

Ulysses Martins, 1.º secretario, Maximiano de Macedo (contador), Amilcare Boni, Jacob Chain, Guandellino Martinelli, Luiz J. de França, Carlos Augusto de Lacerda (2.º secretario), Elpidio Nunes, Joaquim Herrera, Astrogildo Pereira, Manoel Medeiros, Manoel dos Santos, José Augusto Elvas, Hygino Alves, Manoel Luiz Coimbra Flamengo, Manoel G. Oliveira, João da Silva Flores, Abilio da Silva Abreu, Adolpho Busse, Amandio de Carvalho, Antonio Pereira Esteves, Manoel Gama, Estevão Boni, Antonio B. Maças, Manuel Esteves, Antonio Abranches da Rocha, José Pimenta, Candido da Costa, Augusto Pereira da Cruz, Ramiro Pessanha, Natal Muratori.

⁂

Sr. Edgard:

Cordeaes saudações e um milhão de raios para S. Faustino.

Tamoyo — Umberto Menegatti.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

Como um grande admirador do seu jornal, com o qual sou solidario, venho prestar-lhe a minha homenagem pela habil e galharda campanha sustentada contra o poder da clericanalha que está avassalando o nosso querido Brasil como um bando de vampiros a sugar as nossas riquezas e a tentar esmagar a nossa consciencia.

Mas tenhamos paciencia que a hora da nossa liberdade hade soar e então a vós caberá uma parte dos louros da victoria.

S. João de Ariranha. — Francisco Alves Mourão.

⁂

Sr. Director:

Venho por meio desta trazer o meu amplexo aos decididos defensores dos opprimidos, que têm sido alvo das miseraveis perseguições dos que temem a luz espargida pelo vosso bom jornal, empenhado em demonstrar os perigos do clericalismo a todos os que são pais.

Entendo que se ha justiça nesta terra ella deve acompanhar o vosso sincero jornal na luta pela verdade.

E pergunte-se: onde está Idalina?

S. Sebastião do Turvo — Dario Egydio.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

E' mesmo em nome desta sociedade que vos derigimos estas toscas mais sinceras espressões, em cuja declaração de solidariedade reconhecereis a verdadeira sympathia, um tributo do dever que rendemos aos abnegados esforços, á acção heroica, com que tendes a nós todo em prol da verdade provada hoje a luz da fecunda publicidade com o sinistro caso da desaventurada Idalina, victima da aza negra dos conventos que tenta reduzir este immaculado paiz, abensoada terra de Cabral, ao nada roubando-nos a honra, acorrentando-nos á miseria. Parabens presados cavalheiros, unicos na historia do patriotismo, unicos defensores da humanidade. Cordeiro. — O secretario B. F. Bueno, o presidente Alfredo Nassif, pela Sociedade Internacional Operaria.

⁂

Sr. Edgard:

Effusivas saudações:

Parabens pela victoria alcançada na campanha contra as aves negras devastadoras da infancia do Orfanato.

Mattão. — Lazaro de Queiroz Góes.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

Como companheiro, associo-me ao regosijo geral pela victoria obtida pelo nosso jornal na luta contra essa corja negra que devasta o universo.

Avante na luta!

Alto da Serra — Henrique Moreira.

⁂

Aos incançaveis lutadores da *Lanterna* patenteamos a nossa solidariedade e enviamos-lhes os nossos sinceros parabens pelo recente triumpho alcançado no caso Idalina.

O nosso voto é para que desappareça essa seita peçonhenta que enlameia a sociedade com os seus crimes e devassidões.

Viva a *Lanterna!*

Baurú. — Francisca de Moraes Ferraz.

E'COS DA CANDIDATURA DO PADRE FAUSTINO

Está encerrado o nosso plebiscito. Assim como das urnas saiu victorioso o nome sempre bemdito do martyr do Ypiranga, tambem no plebiscito a santa personalidade teve uma ruidosa consagração.

E' do que vai ficar convencido o virgem Faustino quando amanhã receber todos os votos que lhe foram dados e a nós dirigidos.

Os protectores do immaculado director do Orfanato que estão encarregados da direcção do Estado devem estar radiantes de satisfação por essa victoria alcançada pelo seu digno collega.

E a todos nós resta a convicção de termos sabido cumprir devidamente um alto dever politico...

⁂

Não foi só para presidente que o candidato celestial obteve votação; não senhores. Pelo respeitavel *Estado* verificamos que tambem houve quem lhe desse o seu voto para o cargo de senador.

Isso é natural. Um homem que é o objecto de todas as benevolas attenções das autoridades não pode deixar de ser assim disputados.

Agora o que não é natural, o que já chega a ser um attentado ao bom nome do principio eleitoral é terem publicado o resultado final da votação sem mencionarem o grande numero de votos dados ao martyr e virgem.

E' que elles não são tão tolos de consignar a sua derrota...

As adhesões recebidas

Apesar de já ter sido consagrado nas urnas o nome do nosso S. Faustino, julgamos acertado registar neste numero o restante das adhesões recebidas á sua sagrada candidatura:

Amigo Edgard Leuenroth.

Saudações.

E' com immensa satisfação que recebemos a bôa nova da indicação do nome do *benemerito* S. Faustino Consoni ao alto cargo de Presidente desse grande Estado, no proximo pleito eleitoral a ferir-se no dia 1.º de março entrante.

Acudindo, pressurozos, ao appello da *Lanterna*, não cogitamos de outros meritos de tão distincto candidato: — a protecção em defesa da vida e da honra das infelizes crianças que tiveram a *gloria* de entrar para o seu santo aposento é, incontestavelmente, a maior e a mais brilhante das virtudes que o distingue d'entre os demais *filhos de Eva que gemem e choram neste valle de lagrimas!*

Nós, os anticlericaes catharinenses, compartilhando do mesmo contentamento dos amigos da *Lanterna* por tão brilhante iniciativa, rogamos ao *Todo Poderozo Santo Ignacio de Loyola* para que auxilie o seu amado discipulo Faustino na victoria das urnas; e que este, logo que ascenda a tamanhas alturas, colloque a sua direita (como seu ajudante de ordem) o nosso S. S. *safardana* Herculano Limpinsel, que tão bons serviços prestou a instrucção josephense.

S. José, Santa Catharina, 22 de Fevereiro de 1912. — Do amigo — **C. de Lippe.**

⁂

Srs. Edgard e Benjamim Mota:

Saudações.

Trabalhando com afan pela candidatura do impolúto padre Faustino, candidatura levantada pela impugnavel *Lanterna*, pensamos em lembrar aos amigos a vantagem de levantarem tambem a candidatura do não menos impolúto padre Ferrari para vice-presidente do Estado.

Este, como vigario geral de Botucatú, em todos os lugares onde tem os seus patricios, como verdadeiros guias do povo, ali teria bonita votação, principalmente onde tem os cavalheiros do bispado, sujeitos bem honrados.

Em Pirajú, onde o Paschoal Ferrari tem um collega honestissimo, como o proprio D. Leopoldo conhece, teria uma boa votação, porque a joia que lá está com trez F, sendo uma dellas viuva rica que de vez em quando dá uma grossa quantia para que o seu superior hierarchico não tire de Pirajú *tão bom* pastor. De uma vez a quantia foi tão grossa que, além do chefe, que só adora o bezerro de ouro, deixar ficar tão bom garanhão, ainda o elevou a conego, tudo isso devido ao nosso heroi.

Além de tudo, o grande homem com a sua bonita e honesta sociedade que tem mesmo ás barbas do bispo, daqui a pouco terá uns sobrinhos por afinidade para collocar nos diversos empregos do Estado, formando uma forte oligarchia.

O que nos satisfez foi não se ter feito accordo, o que seria vergonhoso nos dominios de D. Leopoldo.

Pirajú. — Carlos Braga.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Realizou-se quinta-feira, 7 do corrente, a assembleia geral ordinaria desta aggremiação.

A's 8 e meia horas da noite, achando-se o salão cheio de associados, deu-se começo aos trabalhos.

Foram lidos e approvados os balanços dos mezes de janeiro e fevereiro.

Procedeu-se em seguida á eleição da nova directoria para o anno que começa — 1912.

Foram eleitos:

Commissão administrativa — 1.º secretario, Ulysses Martins (reeleito); 2.º secretario, Carlos A. de Lacerda (reeleito); contador, Maximiano de Macedo (reeleito); Antonio Abranches da Rocha, Estevão Boni, Amilcar Boni e Adolpho Busse.

Commissão de propaganda — Jacob Chaim e Elpidio Nunes (reeleitos), Manuel Coimbra Flamengo, João Flores, José Augusto Elevas, Amandio de Carvalho e Abilio da Silva Abreu.

Foi fixada em 1$000 a quota das mensalidades.

Tratou-se tambem da urgente necessidade de dar á Liga um local mais apropriado e vasto onde possam ser realizadas conferencias e festas de propaganda, sendo aberta uma lista aparte onde se inscreverão todos aquelles que queiram contribuir com 5$000, além da mensalidade.

A ideia tem sido bem acceita, já tendo dado sua assignatura muitos associados.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2$500. Pelo correio, 3$000.

Bilhetes e recados

Sarandy — L. B.: Chegou tarde para o n. da semana passada. Os 2$ não vieram. Devem ter ficado pelo caminho... Saudações.

Cruzeiro — Seth Latour: Recebemos os originaes indicados. Serão publicados. Remettemos um pacote para a propaganda do jornal nessa cidade. Saudações.

Ypiranga — C. R.: Recebemos a importancia de sua assignatura. Saudações.

Palmeiras — A. R.: Registamos o novo assignante indicado. Agradecidos. Saudações.

Bello Horizonte — Servo de Loyola: A nossa nota foi provocada por uma outra carta; a sua só lemo-la depois. Remettemos os pacotes pedidos. Saudações.

Pelotas — J. M. Bento: Foram remettidos os 100 exemplares logo após o recebimento do telegramma. Seguiu tambem um pacote do numero de 13 de outubro. Saudações.

Rio — Astrogildo: Já te respondi por carta. E' lamentavel essa apathia dos companheiros! E dizer-se que em outras partes com muito menos gente faz-se tanto pela propaganda. Quando se resolverá procurar fazer aqui o que com enthusiasmo se

decanta lá de fóra? Felizes dos caçadores que podem surprehender a onça na estrada, a admirar, estasiada de encanto, a belleza da lua cheia... Saúde!

Matto Grosso de Batataes — B. A. da L.: Fizemos a transferencia do endereço. Saudações.

Bruxellas — Ruben Faro: Recebi o teu postal. Espero que já tenham sido arredados os mencionados inconvenientes. Agradeço-te e retribuo os votos de felicidades. Escreva qualquer coisa para o jornal. Saudações dos amigos.

Rio — Jango: Porque não escreves? Mamãe está bastante doente. Saudações de todos.

Villa Jaguaribe — N. A. S.: Recebi o teu postal. Alegrou-nos a noticia das tuas melhoras. Esperamos dentro em breve verte aqui são e forte. Vamos indo no ramerrão de sempre. Tomamos nota da informação sobre a assignatura recebida em Santa Barbara. Saudações dos amigos.

Mógy-Guassú — Zé Daniel: Agradeço-te a carta que me escreveste, acompanhada de dois sonetos. Não t'a respondo directamente porque ando agora ás voltas com o meu livro, mas em tempo opportuno te escreverei. Dos sonetos enviados sómente publicaremos um, porque o outro, o intitulado *Honroso acolhimento*, está contra a norma cá da casa — um pouco livre. O amigo tem geito para a poesia. Falta esmerar mais com a metrica, sem o que não ha versos perfeitos, segundo pensamos contrariando aliás muita gente boa, que julga a poesia unicamente pelo fundo. Continue. — B.

Juiz de Fóra — O. Dias: Já lhe remettemos os pacotes de ns. atrasados, conforme nos pediu. Saudações.

Victoria — J. Comesanha: Continuaremos a mandar o pacote para a distribuição ahi. Infelizmente a situação por todo este paiz é a mesma: a sotaina a dominar tudo. Até agora não recebemos pedido algum. Seria conveniente arranjar o agente. Saudações dos companheiros.

Amargosa — F. H. C.: Remettemos o *Christo nunca existiu* e pacotes de numeros atrasados do jornal para serem distribuidos ahi. Calorosas felicitações pela constituição do club. Saudações.

Rosario Oeste — M. P. Cuyabano: Recebemos os 24$ das assignaturas que o amigo teve a bondade de nos conseguir nessa cidade. Já remettemos os respectivos recibos e os pacotes pedidos. Corrigimos o endereço. Queira receber as nossas felicitações, transmittindo-as aos demais companheiros de luta dahi, pela actividade que está desenvolvendo na propaganda Saudações.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . . $200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* $200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . . $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . . 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . . 2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi, $800
Religião e Evolução, E. Haeckel . 1$500
Sociologia Fundamental, Benteo . 5$000
Dôr Universal, Faure . . . . 1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu* $200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población* $100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* $100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal* $100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo* $100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . . 1$500
Almaccó Libertario illustrado 1909 $300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, . $300
L'Esprit de Révolte " . . . $200
René Chaughi, *La Femme Esclave* $100
Jean Grave, *Léntente pour l'action* $200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan* $200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* $100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne* $200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution* $200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . . $100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . . $300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére* $200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme* $300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière* $100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* . . $100
» » *La Morale Anarchiste* . . . $200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage* $200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* $100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics* $100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . . $100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre* $200

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

E ncontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

FOLHETIM DA LANTERNA

(41) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(Especialmente traduzido para *A Lanterna*)

XXXIII
A CAÇA NO LAGO

— De Manila, aonde fui levar *zacate* — respondeu elle, imitando o accento dos de Pandakan.

Um sargento saiu e, informado do que se passava, recommendou:

— *Sulung!* Não acceites ninguem na *banca*, ficas avisado; acaba de escapar um preso. Se o apanhas e mo entregas dou-te uma boa recompensa.

— Está bem, senhor.

A banca afastou-se. Elias volveu a cara e viu a silhueta da sentinela de pé junto á margem.

— Perderemos alguns minutos — disse elle em voz baixa; — temos que entrar no rio Beata para fingir que sou da Penha de França.

A aldeia dormia ao luar. Chrysostomo ergueu-se, pois já não o podia ver a sentinela, para admirar a paz da natureza. O rio era estreito e tinha as margens plantadas de *zacate*.

Elias lançou a sua carga para terra, apanhou uma longa cana e tirou do fundo da canoa alguns *bayones* vazios, sacos feitos de folha de palmeira. Continuaram navegando.

— De modo que estais decidido a ficar no país? — interrogou Elias, reatando a conversação interrompida.

Completamente decidido! Quero vingar-me!

Guardaram em seguida silencio até *Malapadna bató*.

O carabineiro do lugar tinha somno, e vendo que a *banca* estava vazia, não offerecendo presa alguma, deixou-os passar facilmente.

O guarda civil de Pasig não lhes oppôs tampouco obstaculo algum.

Começava a amanhecer quando chegaram ao lago, liso e tranquillo como um espelho gigantesco. A lua empallidecia e o Oriente tingia-se de rosadas tintas. A certa distancia divisaram uma massa escura que avançava lentamente.

— Ahi vem a falua! — murmurou Elias sobresaltado; — deitai-vos para que vos cubra com estes sacos.

As formas da embarcação tornavam-se mais claras e perceptiveis.

— Põe-se entre nós e a margem! — observou Elias inquieto.

E mudou pouco a pouco a direcção da *banca*, remando para Binangonan. Com grande espanto notou que a falua virava tambem de rumo, em quanto uma voz o chamava.

Elias deteve-se e reflectiu. A margem estava ainda longe e breve se achariam ao alcance das espingardas da falua. Pensou em voltar a Pasig. Mas daquelle lado vinha outra *banca*, occupada por alguns guardas civis, cujos capacetes e baionetas brilhavam aos primeiros raios do sol.

A *banca* deslisava rapidamente; Elias viu sobre a falua, que virava, alguns homens de pé fazendo-lhe signaes.

— Sabeis guiar? — perguntou elle a Ibarra.

— Sei. Porquê?

— Porque estamos perdidos, se não salto á agua e não lhes faço perder a pista. Hão de querer perseguir me; eu nado e mergulho bem... Assim os afastarei de vós e podereis salvar-vos.

— Não, fica e vendamos cara a vida!

— Como, senhor, se não temos armas?

Com as suas carabinas, matam-nos como se fossemos passarinhos. Salvai-vos, senhor!

Elias despiu precipitadamente a camisa. Naquelle momento soaram duas detonações. Sem se perturbar, apertou a mão de Ibarra, que se conservava estendido no fundo da canoa e saltou logo á agua, empurrando com o pé a pequena embarcação.

A alguma distancia appareceu a cabeça do piloto, como para respirar, occultando-se logo debaixo de agua.

— Ali vai elle! Ali vai elle! — gritaram varias vozes. E as balas silvaram de novo.

A falua e a *banca* puseram-se em sua perseguição. Uma pequena esteira marcava a sua passagem. afastando-se cada vez mais da *banca* de Ibarra, que vogava como se estivesse abandonada. Sempre que o nadador fazia emergir a cabeça para respirar, disparavam sobre elle guardas civis e falueiros.

A *banca* de Ibarra afastava-se lentamente. O nadador aproximava-se da margem. Os remadores estajam já cansados e Elias tambem, pois deitava a cabeça de fora com frequencia e de cada vez em direcção diversa, como para desconcertar os seus perseguidores. A passagem do mergulhador já não era assignalado pela denunciadora esteira. Pela ultima vez o viram junto á margem. Fizeram fogo. Passaram-se minutos e minutos... E nada tornou a apparecer sobre a superficie tranquilla e deserta do lago!...

Meia hora depois, um remador pretendia ter descoberto, perto da margem, signaes de sangue.

De Ibarra nada se voltou a saber.

Talvez um dia o seu nome seja escutado com terror pelos cumplices infames do padre Dámaso!...

XXXIV
MARIA CLARA

Em vão se amontoam sobre uma mesa os preciosos presentes nupciaes. Nem os brilhantes nos seus estojos de velludo azul, nem os bordados de pinha, nem as peças de seda attrahem os olhares de Maria Clara.

De repente sente que duas mãos se collocam sobre os seus olhos, prendendo-a, em quanto uma voz alegre, a de frei Dámaso, diz:

— Quem sou eu? quem sou eu?

Maria Clara salta da cadeira e olha-o com terror.

— Tonta! Tiveste medo? Não me esperavas, hein? Pois vim assistir ao teu casamento.

E acercando se com um sorriso de satisfação, estendeu-lhe a mão para que ella lh'a beijasse. Maria Clara abeirou-se della, tremula, e levou-a aos labios com respeito.

— Que tens Maria? — perguntou o franciscano, perdendo o seu alegre sorriso e enchendo-se de inquietação. — Estás doente, minha filha?

E frei Dámaso puxou-a para si com uma ternura da qual ninguem o julgaria capaz; agarrou nas duas mãos da joven e interrogou-a com o olhar.

— Não tens já confiança em teu padrinho? — perguntou elle em tom reprehensivo: — vamos, senta-te aqui e conta-me os teus pequenos desgostos, como fazias quando, em criança, me pedias velas para fazer bonecas de cera. Já sabes que sempre te quiz bem... Nunca te ralhei!...

A voz de frei Dámaso já não era brusca e chegava a ter modulações carinhosas. Maria Clara desatou a chorar.

— Choras, minha filha? Porque choras? Questionaste com Linares?

Maria Clara tapou os ouvidos.

— Não me fale desse homem!

Frei Dámaso fixou-a assombrado.

— Não queres confiar-me os teus segredos? Não tenho eu sempre procurado satisfazer os teus menores caprichos?

A joven levantou para elle os seus olhos rasos de agua, contemplou-o um instante e tornou a chorar amargamente.

— Não chores assim, minha filha, que as tuas lagrimas me fazem soffrer muito! Conta-me as tuas penas; já sabes que teu padrinho te ama!

Maria Clara caiu de joelhos aos pés do frade e, erguendo a face banhada em pranto, disse-lhe com voz quasi imperceptivel:

— Quer-me verdadeiramente bem?

— Criança!

— Desfaça então o meu casamento!

— Mas, minha louquinha, Linares não vale mais do que...?

— Não, mil vezes não! Quero ser freira! Se o senhor não o consente, suicido-me!

E pronunciou estas ultimas palavras com tal firmeza, que frei Dámaso sentiu um estremecimento de terror.

— De tal modo o amavas? — perguntou elle balbuciando.

— Com toda a minha alma!

Frei Dámaso inclinou a cabeça sobre o peito e ficou silencioso.

Por fim exclamou:

— Minha, filha, perdoa-me por te ter tornado infeliz! Eu pensava no teu futuro, queria que fosses ditosa! Como podia permittir que te casasses com um mestiço para te ver esposa infeliz e mãe desgraçada? Vendo que não podia conseguir que deixasses de o amar, abusei de tudo, por tua causa unicamente por tua causa! Se viesses a casar com elle, chorarias depois, pela condição de teu marido, exposto a todas as vexações, sem meios de defesa; mãe, chorarias pela sorte de teus filhos. Se os educasses, triste futuro lhes prepararias; haviam de tornar-se inimigos da religião e tu havias de os ver enforcados ou expatriados; se os deixasses na ignorancia, havias de os ver tyrannizados e humilhados. Eu não o podia consentir! Por isso é que procurava para ti um marido que pudesse fazer-te mãe venturosa de filhos que mandassem em vez de obedecer, que castigassem em vez de soffrer... Sabia que o teu amigo da infancia era bom; e estimava-o, como estimava o pai, mas odiei-os desde que vi que iam causar a tua desgraça. E isto não o podia permittir eu que te quero tanto, que não tenho outra affeição senão a tua, que te vi nascer e te considero a minha unica alegria...

— Pois bem! se me ama, não me faça para sempre desgraçada casando-me com um homem que detesto. Quero ser freira!

— Ser freira, ser freira! Tu não sabes, minha filha, o mysterio que se occulta por trás dos muros dum convento.. Não o sabes! Prefiro mil vezes ver-te desventurada no mundo que no claustro. Aqui podem ouvir-se as tuas queixas; lá, não. E's formosa e não nasceste para elle. Crê-me, minha filha, o tempo tudo apaga. Linares será para ti um bom marido e tenho a certeza de que o virás a amar.

— Ou me deixa entrar num convento ou me mato! — replicou Maria.

— Nunca o consentirei, porque estou seguro de que, apenas lá dentro, te arrependerás!... Maria, já sou velho e não poderei velar mais tempo por ti e pela tua tranquillidade. Escolhe outro noivo, seja quem for, mas no convento não entres!

— Já lhe disse, padrinho: o convento ou a morte! — redarguiu Maria Clara com desesperante obstinação.

— Meu Deus, meu Deus! — gritou o sacerdote cobrindo o rosto com as mãos. — Que horrivel prova me reservavas para a velhice! Como castigas os meus peccados!

E voltando-se para a joven:

— Queres ser freira? Seja! Um dia te arrependerás desta loucura; mas concordo com tudo para não te perder. Em quanto eu viver, hei de velar por ti... Depois, quem sabe o que se passará depois? E's tão formosa!...

Maria Clara tomou-lhe as mãos e beijou-as, ajoelhando-se.

— Padrinho, padrinho da minha alma! — repetia ella.

Frei Dámaso saía poucos momentos depois, triste e cabisbaixo.

— Meu Deus, vinga-te em mim, mas não firas o innocente, salva minha filha!...

EPILOGO

Vivendo ainda muitos das nossas personagens e perdidos de vista as outras, é impossivel um verdadeiro epilogo. Para bem dos homens e do país, com prazer os matariamos todos, a começar por frei Salvi e a acabar por D. Victorina. Em alguns municipios, os habitantes organizam montarias aos lobos. Cremos que não tardará muito que tal costume se implante tambem nas Filippinas. Seria uma medida convenientissima para o bem-estar e paz dos cidadãos.

Desde que Maria Clara entrou no convento, padre Dámaso deixou a aldeia para viver em Manila, como frei Salvi, que, em quanto espera uma mitra vacante, prega ás vezes na igreja de Santa Clara, desempenhando neste convento um cargo importante. Poucos mezes decorreram sem que frei Dámaso recebesse ordem do reverendissimo padre provincial para exercer o curato duma provincia muito distante. Refere-se que tão pesaroso ficou por isto que no dia seguinte o acharam morto na sua alcova.

Nenhum dos nossos leitores reconheceria o capitão Tiago se o visse agora. Já semanas antes de Maria Clara professar, caiu em tal estado de abatimento, que começou a enfraquecer e a entristecer como o seu ex-amigo, o infeliz capitão Tinong. Logo que se cerraram as portas do convento, ordenou á sua desconsolada prima, a tia Isabel, que recolhesse tudo o que á sua filha e defunta esposa pertencera e fosse para Malabón ou San Diego, pois queria viver sózinho d'ali em diante. Dedicou-se ao *liampó* e á galleira e começou a fumar opio. Se alguma vez, ao cair da tarde, o leitor passear pela primeira rua de Santo Christo, verá sentado na loja dum chinês um homenzito amarelo, fraco, curvado, com os olhos cavos e somnolentos, labios e unhas de côr suja, contemplando os transeuntes com olhar estupido. Chegada a tarde, o leitor o verá erguer-se a custo e apoiado num bordão dirigir-se a uma casita suja, sobre cuja porta se lê em grandes letras vermelhas: *Fumadouro público de Anfión*. E' aquelle tão célebre capitão Tiago, hoje inteiramente esquecido.

O victorioso alferes foi para Hespanha como tenente com grau de commandante deixando abandonada a mulher. A pobre Ariadna, vendo-se só, consagrou-se tambem, como a filha de Minos, ao culto de Baccho, e fuma e bebe como um carroceiro.

Viverão provavelmente ainda os nossos conhecidos da aldeia de San Diego, se não morreram na explosão do vapor *Lipa*, que fazia viagem para a provincia. Como ninguem tratou de saber quem foram os infelizes que naquella catástrophe pereceram e a quem pertenciam as pernas e braços espalhados pela ilha da Convalescencia e nas margens do rio, ignoramos por completo se entre elles ia algum conhecido dos nossos leitores. Estamos satisfeitos, porêm, como o Governo e imprensa de então, sabendo que se salvou o unico frade que ia no vapor. O principal para todos é a vida dos virtuosos sacerdotes, cujo reinado nas Filippinas Deus conserve para bem das nossas almas.

De Maria Clara não se tornou a saber. São tão espessas as paredes dos conventos! Perguntámos a varias pessoas de grande influencia no convento de Santa Clara mas ninguem nos quiz dizer uma só palavra, nem mesmo as devotas tagarelas, que recebem a famosa fritada de figados de gallinha, e o môlho mais famoso ainda, chamado "*das freiras*", tudo preparado pela intelligente cozinheira das Virgens do Senhor.

Ouvimos entretanto referir vagamente um caso estranho, no qual talvez fosse protagonista Maria Clara.

Uma noite ouviram-se gritos e lamentos na santa morada e houve quem assegurasse ter visto um phantasma.

Na manhã seguinte parava uma carruagem á porta do convento de Santa Clara e descia della um homem, que se apresentou como representante da autoridade, pedindo licença para falar immediatamente com a abbadessa e vez todas as monjas.

Conta-se que appareceu uma com o hábito todo molhado e em farrapos, pedindo a chorar o amparo da justiça. A freira, ao que parece muito formosa, denunciou horrores e pronunciou várias vezes o nome de frei Salvi.

O reprepresentante da autoridade parlamentou com a abbadessa, e ambos convieram em que aquella desventurada — estava louca!...

FIM